

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas

2013



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

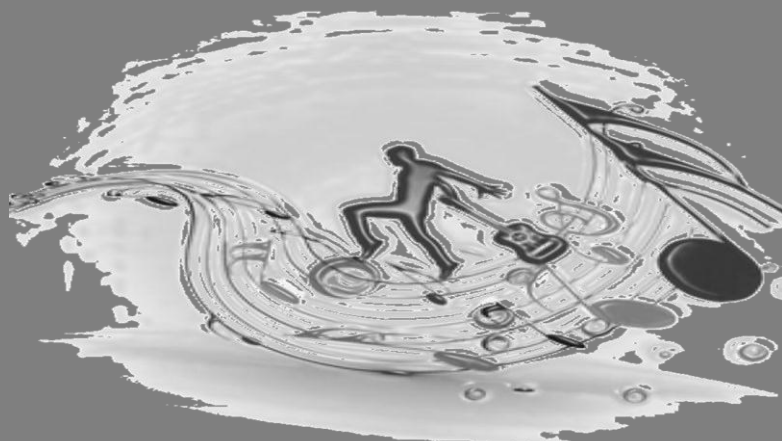
PDE
2013

UNIDADE DIDÁTICA:

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA CONTRA A REPRESSÃO DA DITADURA NO PERÍODO EM TORNO DE 1968 A 1979

AUTORA: ROSANGELA DE SOUZA

ORIENTADOR: Ms. PROF. MARCO AURÉLIO MONTEIRO PEREIRA



Ficha de Identificação – Material Didático

Professor PDE/2013

Título	“A música como instrumento de resistência contra a repressão da Ditadura no período em torno de 1968 a 1979.”
Autora	Rosangela de Souza
Disciplina/Área	História
Escola de Implementação do Projeto e sua localização	Colégio Est. Tancredo Neves - EFM
Município da Escola	Imbaú - Paraná
Núcleo Regional de Educação	Telêmaco Borba
Professor Orientador	Ms.Profº. Marco Aurélio Monteiro Pereira
Instituição de Ensino Superior	UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Resumo	<p>Este trabalho se justifica no estudo para conhecimento e compreensão de como a música foi utilizada como instrumento de resistência contra a repressão durante o período da Ditadura militar no Brasil. Tendo como objetivos: usar a música como meio de motivar os alunos e como instrumento de reflexão, comunicação e formação de opinião, analisando canções produzidas durante o período da ditadura militar, fazendo com que os alunos percebam que as informações contidas nos relatos dos meios convencionais não são os únicos registros capazes de contar uma história, levando-os a perceberem que as manifestações populares, não só no Brasil, mas em diversas as partes do mundo, foram utilizadas contra toda e qualquer forma de repressão e/ou manipulação por parte dos governos. Possibilitando a formação de uma consciência crítica sobre a sociedade e o mundo e a fomentação da cidadania.</p>
Palavras-chave	Ditadura Militar. História. Música. Resistência.
Formato do material	Unidade Didática.
Público Alvo	Alunos do 3ºAno do Ensino Médio.

APRESENTAÇÃO

Esta Unidade Didática apresenta sugestões de atividades sobre como a música foi utilizada como instrumento de resistência contra a repressão do período de Ditadura Militar no Brasil, observando que as Diretrizes Curriculares da Educação apontam para a importância de se analisar os elementos constitutivos da contemporaneidade e os movimentos de contestação no Brasil.

Ela contém informações básicas sobre este período, atividades propostas que buscam despertar a reflexão, comunicação, formação de opinião e motivação nos alunos, através da análise de canções produzidas durante a ditadura militar, fazendo com que os alunos percebam que as informações contidas nos relatos dos meios convencionais não são os únicos registros capazes de contar uma história, levando os alunos a perceberem que as manifestações populares, não só no Brasil, mas em diversas partes do mundo, foram utilizadas contra toda e qualquer forma de repressão e/ou manipulação por parte dos governos.

Esse trabalho tem como base vivências como professora no Ensino Fundamental e Médio, onde trabalho com a música busca ser uma alternativa de motivação natural para os alunos, especificamente para os do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Tancredo Neves - EFM, do município de Imbaú, turma na qual será desenvolvido o projeto.

Espero que este material possa ser útil a todos, apostando no potencial criativo dos professores, tendo em vista o bem comum de todas os alunos, jovens e adultos que frequentam as escolas estaduais do Estado do Paraná

Prof^a: Rosangela de Souza

Disponível em: www.google.com.br/notasmusicais



INTRODUÇÃO

Disponível em: CD ramosdata

O ensino de história deve possibilitar a formação de uma consciência crítica sobre a sociedade e o mundo e a fomentação da cidadania nas novas gerações, porém, para isso devemos buscar formas de alcançar tais objetivos, uma vez que tais pontos não poderão ser alcançados através do ensino como ele é, muitas vezes, ministrado nas escolas de forma tradicional.

De acordo com Alegro (In CERRI 2007, p. 17)

A disciplina de História foi e ainda é justificada no currículo da educação básica como fundamental para a formação da pessoa e do cidadão que consegue compreender, interpretar e atuar. Mas às vezes opera-se na disciplina como se o valor educativo intrínseco aos conteúdos históricos fossem absorvidos por um aluno-receptor mediante simples transmissão/memorização.

Além do que, as aulas de História, geralmente, caracterizam-se por serem estruturadas de forma a inviabilizar a autonomia intelectual dos alunos, isto ocorre na medida em que as informações e conteúdos percorrem uma via única dentro da classe, partindo do professor para os alunos.

Rejeitado os métodos tradicionais de se ensinar História devido a sua ineficiência em relação ao objetivo de se formar jovens investidos de consciência histórica, devemos refletir então sobre quais as formas mais apropriadas de se alcançar estes

objetivos.



Para tanto buscou-se na música uma alternativa ou "caminho" para ajudar nas reflexões sabendo que o papel que queremos que nossos educandos venham a assumir na sociedade está diretamente vinculado ao tipo de educação que oferecemos.

Pois, durante o período da Ditadura a música popular deixou de ser meramente, manifestações artísticas e passou a ser uma forma de resistência popular contra as culturas dominantes, principalmente entre os anos de 1968 a 1979, se tornando um dos mais fortes instrumentos de reflexão, comunicação e formação de opinião numa época que a imprensa estava sujeita à censura prévia, o povo brasileiro sentiu a necessidade de buscar novas formas de expressar e registrar o que pensava.

Além do que a música, por seu caráter descontraído e lúdico, pode ser um caminho para tornar as aulas de História mais interessantes, estimular o interesse e a participação dos alunos, estreitar laços de amizade entre eles e o professor.

Sendo assim, este trabalho se justifica no estudo para conhecimento e compreensão de como a música foi utilizada como instrumento de resistência contra a repressão durante o período de Ditadura Militar, tendo como objetivos: usar a música como meio de motivar os alunos e como instrumento de reflexão, comunicação e formação de opinião, analisando canções produzidas durante o período da ditadura militar, fazendo com que os alunos percebam que as informações contidas nos relatos dos meios convencionais não são os únicos registros capazes de contar uma história, levando-os a perceberem que as manifestações populares, não só no Brasil, mas em diversas as partes do mundo, foram utilizadas contra toda e qualquer forma de repressão e/ou manipulação por parte dos governos. Possibilitando a formação de uma consciência crítica sobre a sociedade e o mundo e a fomentação da cidadania.



VAMOS DAR INÍCIO AO NOSSO TRABALHO?

A MÚSICA...

A música marca as pessoas e molda seus comportamentos, crenças e pensamentos. Ela pode, ainda, contar a história de um povo e se encarrega de repassá-la às próximas gerações.

Para a maioria das pessoas a música é uma forma de expressar sentimentos, desejos, frustrações, conceito que não está muito longe da realidade, pois durante muito tempo foi utilizada como forma de "abrir os olhos da humanidade" para as questões que afligiam o mundo, como a guerra, a discriminação, a opressão, etc.

E para você?

- 🎵 O que a música representa?
- 🎵 Em que momento prefere ouvi-lá?
- 🎵 Que sensações a música pode provocar?
- 🎵 Que gênero de músicas costuma ouvir?
- 🎵 Que tema prefere?
- 🎵 Ouve MPB (Música Popular Brasileira)? Que cantor (es) da MPB você conhece?
- 🎵 E com relação à Ditadura Militar, o que sabe sobre ela?



Disponível em: www.blogbabymusic.blogspot.com

A música com referência ideológica existe há muito tempo, mas foi a partir da década de 1960 que ganhou popularidade como forma de protesto. Sempre que se fala no período do Regime Militar instalado no Brasil, não se pode deixar de mencionar a música popular brasileira.

Mas a ditadura militar tentou vetar, ou dificultar, a livre circulação de ideias no Brasil e a censura foi o algoz do cinema, das artes, do jornalismo, da literatura, do teatro e qualquer outra manifestação cultural ou científica. Nada escapava à fúria cortadora dos encarregados, pela ditadura, de impedir o debate no país, e a música foi uma de suas vítimas mais notórias.

A DITADURA MILITAR...

A ditadura¹ militar foi um longo período da história brasileira em que as Forças Armadas assumiram o controle de vários setores do poder público interrompendo o diálogo democrático entre governo e sociedade.

Quando ocorreu o golpe² militar, em 1964, ironicamente o Brasil tinha na época, os movimentos de bases político-sociais mais organizados da sua história. Sindicatos, movimento estudantil, movimentos de trabalhadores do campo, movimentos de base dos militares de esquerda dentro das forças armadas, todos estavam engajados e articulados em entidades como a UNE (União Nacional dos Estudantes), o CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), o PUA (Pacto da Unidade e Ação), etc., que tinham grande representatividade diante dos destinos políticos da nação.

Com a implantação da ditadura, todas essas entidades foram asfixiadas, sendo extintas ou a cair na clandestinidade.

Em 1968, os estudantes continuavam a ser os maiores inimigos do regime militar. Reprimidos em suas entidades, passaram a ter voz através da música. A Música Popular Brasileira começa a atingir as grandes massas, ousando a falar o que não era permitido à nação. Diante da força dos festivais da MPB, no final da década de sessenta, o regime militar vê-se ameaçado. Movimentos como a Tropicália³, com a sua irreverência mais de teor social-cultural do que político-engajado, passou a incomodar os militares. A censura passou a ser a melhor forma da ditadura combater as músicas de protesto e de cunho que pudesse extrapolar a moral da sociedade dominante e amiga do regime. Com a promulgação do AI-5⁴, em 1968, esta censura à arte institucionalizou-se. A MPB sofreu amputações de versos em várias das suas canções, quando não eram totalmente censuradas.



Disponível em: www.aldeiagaulesa.net

Para censurar a arte e as suas vertentes, foi criada a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), por onde deveriam previamente, passar todas as canções antes de executados nos meios públicos. Esta censura prévia não obedecia a qualquer critério, os censores poderiam vetar tanto por motivos políticos, ou de proteção à moral vigente, como por simplesmente não perceberem o que o autor queria dizer com o conteúdo. A censura além de cerceadora, era de uma imbecilidade jamais repetida na história cultural brasileira.

Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=159935

Sugestão de leitura: Artigo "A música brasileira na Ditadura Militar". Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/1008951>

Mas para entendermos melhor toda essa situação vamos assistir a um vídeo do historiador Bóris Fausto, sobre a Ditadura Militar, e o contexto que levou os militares ao poder, a repressão e a abertura política.

Vídeo disponível em: <http://www.historiadigital.org/historia-do-brasil/brasil-republica/ditadura-militar/video-regime-militar/>



Disponível em: www.frezinhapolitica.blogspot.com.br

Vocabulário

1-DITADURA: Forma de governo em que os poderes se concentram na mãos de um indivíduo ou de um grupo.

2-GOLPE: Movimento para tomar o poder.

3TROPICÁLIA: Movimento artístico brasileiro, iniciado nos anos de 1960, que une elementos da cultura popular com procedimentos estilístico da literatura de vanguarda.

4-AI-5: Foi o quinto Ato Institucional de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao Golpe Civil-Militar de 1964 no Brasil.

CEGALLA, D.P. Dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

Você sabe o que é música de protesto? Então vamos lá!

1-Façam uma pesquisa na sobre:

- 🎵 O que são músicas de protesto;
- 🎵 Quem foram os principais compositores de músicas dessa natureza (Chico Buarque, Geraldo Vandré, Caetano Veloso, etc);
- 🎵 O que representou o exílio para muitos desses artistas.

Links sugeridos para a pesquisa:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Censura_no_Brasil#Censura_durante_o_regime_militar

http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=6146

<http://virtualiaomanifesto.blogspot.com/2008/07/msica-e-censura-da-ditadura-militar.html>

http://edmelander.blogspot.com/2009/09/musica-de-protesto-durante-ditadura_20.html

2-Agora vamos assistir a um vídeo "Música e História" . Nele serão demonstrado alguns fragmentos de canções consideradas de protesto. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=qhvXQj8CFmM&feature=fvsvr>.



Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qhvXQj8CFmM&feature=fvsvr>

3-Quais foram suas principais percepções acerca dos pontos pesquisados? Em dupla redijam um texto descrevendo-as:

TEXTO COMPLEMENTAR



Pode-se dizer que a verdadeira música brasileira de resistência nasceu no show “Opinião”, apresentado no Rio de Janeiro, que tinha texto de Armando Costa, Paulo Pontes e Oduvaldo Viana Filho, direção de Augusto Boal e no elenco, João do Vale, Zé Kéti e Nara Leão. Onde as letras das músicas falavam, dentre outros temas, sobre injustiças sociais. Este show deu impulso a composição e produção da arte engajada, tornando-se referência para todos aqueles que pensavam em ingressar na luta pelos direitos civis e contra a violência que, aos poucos, ia tomando conta do Brasil.

(PINHEIRO, Manu. **Cale-se: a MPB e a Ditadura Militar**. Livros Ilimitados: Rio de Janeiro, 2011

CARCARÁ

Carcará
Lá no sertão
É um bicho que avoa que nem avião
É um pássaro malvado
Tem o bico volteado que nem gavião
Carcará
Quando vê roça queimada
Sai voando, cantando,
Carcará
Vai fazer sua caçada
Carcará come inté cobra queimada
Quando chega o tempo da invernada
O sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim num passa fome
Os burrego que nasce na baixa da
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Num vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que home
[...]

(Composição: João do Vale/José Cândido)

Letra disponível em <http://letramusicas.br/chico-buarque/107588/>

Ouvir em: www.sambaderaiz.net/showopinioao-nara-leao-ze-ketti-e-joao-do-vale/



Por motivos de direitos autorais aqui só se encontra uma parte da letra da música. Porém poderá acessá-la, na íntegra no link recomendado.

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA CONTRA A DITADURA

A música sempre foi utilizada pelo homem como meio de comunicação e, resgatando um pouco da história das sociedades, vê-se que todo e qualquer movimento revolucionário teve sua música tema.

Sempre que se fala no período do regime militar instalado no Brasil, não se pode deixar de mencionar a música popular brasileira. A MPB representou, durante aquele período, um dos maiores e mais fortes instrumentos de reflexão, comunicação e formação de opinião. Numa época que a imprensa estava sujeita à censura prévia, o povo brasileiro sentiu a necessidade de buscar novas formas de expressar e registrar o que sentia.

A partir do golpe militar do ano de 1964, finalmente deflagrado depois de inúmeras tentativas, o Brasil foi apresentado a um regime bastante diferente daqueles aos quais já estava acostumado. E uma das características mais marcantes desse regime foi a repressão e a censura à qual os ditadores submeteram a imprensa brasileira, os artistas e toda e qualquer forma de comunicação social que destoasse daquilo que eles gostariam que fosse dito/contado/cantado.

A saída encontrada pelos artistas e por aqueles mais engajados na luta contra a repressão foi driblar, de todas as formas possíveis, a censura. Tudo o que não poderia ser dito através da imprensa, estas pessoas passaram a dizer pelas letras de suas músicas. As canções - e principalmente a chamada MPB - passaram a servir como modo de participação popular nas discussões política. A maneira que eles tinham para registrar sua indignação fez com que acabassem por registrar mais que isso: passaram a compor a história do País em versos de música.

As décadas de 1960 e 1970 representaram então, para a MPB um período de intensa criatividade e produção. Novas canções borbulhavam a cada dia, sendo quase como uma válvula de escape para os acontecimentos daquele momento.

Ressalta-se o fato de que a televisão, nesta época, ainda estava começando a se popularizar no Brasil. Assim, ela representou um papel importantíssimo na história da união da música com a própria história do país. Programas musicais eram frequentemente lançados, além dos festivais.

Tais eventos compõem a chamada "Era dos Festivais". Um número notável de compositores e intérpretes foram revelados nesses festivais, os quais serviram também como espaço de apresentação e difusão de canções que contestavam as ações do Regime Militar. Para saber mais, visite o site: <http://www.eradosfestivais.com.br/>.

O ano de 1968 pode ser considerado um marco. Foi neste ano que começaram a eclodir manifestações populares, não só no Brasil, mas em todas as partes do mundo.

Neste mesmo ano, no III Festival Internacional da Canção, realizado no Rio de Janeiro Caetano Veloso é vaiado ao apresentar a música "É proibido proibir". Porém, no final da etapa nacional trinta mil pessoas viram ao vivo Geraldo Vandré no palco, sozinho ao violão, cantando "Pra não dizer que não falei de flores". (Afirmam que ele não ganhou o festival, por ordem dos militares à Rede Globo. Porém, a mensagem inserida na canção de Vandré foi considerada por muito tempo, e ainda hoje o é o sonho de resistência ao regime militar. E é por ele que começaremos nossas análises a algumas dessas músicas que fizeram a diferença nesse período. (PINHEIRO, Manu. **Cale-se: a MPB e a Ditadura Militar**. Livros Ilimitados: Rio de Janeiro, 2011)

Você deve estar se perguntando: os artistas podiam lançar suas músicas de protesto livremente? Não! Enquanto regime autoritário, a ditadura militar impôs uma censura muito rígida nas várias manifestações culturais que ocorreram no país.

Acesse o link abaixo. Em seguida, reflita: as imagens do vídeo representam bem a censura durante a ditadura militar? O que as músicas tocadas no vídeo têm em comum? http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=6HVakYwhSdY

Disponível em: www.rakbruword.blogspot.com



GERALDO VANDRÉ

Caminhando (Pra não dizer que falei das flores) é uma música de Geraldo Vandré, lançada em 1968. Vandré foi um dos primeiros artistas a ser perseguido e censurado pelo governo militar. A música foi a sensação do III Festival Internacional da Canção, se transformando em um hino para os cidadãos que lutavam pela abertura política. Através dela, Vandré chamava o público à revolta contra o regime ditatorial e ainda fazia fortes provocações ao exército.

Ainda em 1968, com o AI-5, Vandré foi obrigado a exilar-se. Depois de passar dias escondido na fazenda de Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, viúva de Guimarães Rosa, falecido no ano anterior (setores da imprensa afirmam que ele também teria sido escondido pelo governador de São Paulo Abreu Sodré no Palácio dos Bandeirantes), o compositor partiu para o Chile e, de lá, para a Alemanha e França. Voltou ao Brasil em 1973. Até hoje, vive em São Paulo e compõe. Muitos, porém, acreditam que Vandré tenha enlouquecido por causa de supostas torturas que ele teria sofrido pelo governo militar. Em entrevista no ano de 2010 essas especulações foram desmentidas pelo cantor, dizendo que só não se apresenta mais porque sua imagem de "Che Guevara Cantor" abafa sua obra.

Disponível em: www.google.com.br/geraldovandre



Pra não dizer que falei das flores

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas

Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
[...]

Por motivos de direitos autorais aqui só se encontra uma parte da letra da música. Porém poderá acessá-la, na íntegra no link recomendado.

GERALDO VANDRÉ
Composição: Geraldo Vandré
Disponível em:
<http://letras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>

TRABALHANDO COM O TEXTO

1- Agora que você já conheceu um pouco sobre o cantor Geraldo Vandré e também a letra de sua música "Pra não dizer que falei das flores", que tal assistirmos um vídeo que apresenta a música e algumas imagens do período da ditadura no Brasil?

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1KskJDDW93k>

2- Qual é a temática discutida na música?

.....
.....

3- Qual o significado da expressão " Vem vamos embora que esperar não é saber?"

.....
.....

4- Qual é o significado da expressão "quem sabe faz a hora, não espera acontecer?"

.....
.....

5- A quem se faz referência quando se diz "indecisos cordões"? Por quê?

.....
.....

6- O que representa acreditar "nas flores vencendo o canhão"?

.....
.....

7- O que representa dizer que há "soldados armados ou não"? Quem são os não-armados?

.....
.....

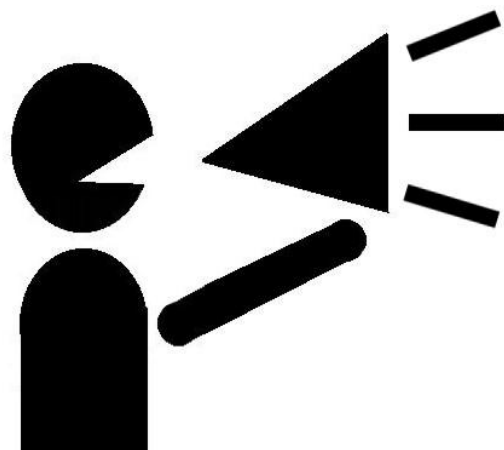
8- Por que alguns soldados estão "perdidos de armas na mão"?

.....
.....

9- O que representa os soldados aprenderem que devem morrer pela pátria e viver sem razão?

.....
.....





Disponível em: www.envolverde.com.br

Em 1968 com a imposição do AI-5, aquela criticidade com certa liberdade de até então é tolhida e os compositores vivem uma nova fase:

- Desarticulam-se os Movimentos Estudantis, que passam para a luta armada;
- Ocorre uma grande mudança nos festivais com a despolitização dos mesmos e com a Indústria cultural;

É proibido proibir é uma música de Caetano Veloso, lançada em 1968. Esta canção era uma manifestação das grandes mudanças culturais que estavam ocorrendo no mundo na década de 1960. Na apresentação realizada no III Festival Internacional da Canção, a música de Caetano foi recebida com furiosa vaia pelo público. Indignado, Caetano fez um longo e inflamado discurso que quase não se podia ouvir, tamanho era o barulho dentro do teatro.

Vamos agora saber um pouco mais sobre...Caetano Veloso e sua participação como compositor e cantor durante a Ditadura Militar.

CAETANO VELOSO

Caetano Veloso, é um músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro. Com uma carreira que já ultrapassa quatro décadas, Caetano construiu uma obra musical marcada pela releitura e renovação e considerada amplamente como possuidora de grande valor intelectual e poético. Porém, a intervenção de Caetano Veloso era mais no sentido da contracultura do que contra o regime militar. Os tropicalistas estavam mais próximos dos acontecimentos do Maio de 1968 em Paris, do que das doutrinas de esquerda que vigoravam na época, como o marxismo-leninismo soviético e o maoísmo chinês. Mas os militares não souberam identificar esta diferença, perseguindo Caetano Veloso e Gilberto Gil pela irreverência constrangedora que causavam. Na

época da prisão dos dois cantores, em dezembro de 1968, os militares tinham de concreto contra eles, a acusação de que tinham desrespeitado o Hino Nacional, cantando-o aos moldes do tropicalismo na boate Sucata, e uma ação que queria mover um grupo de católicos fervorosos, ofendidos pela gravação do "Hino do Senhor do Bonfim" (Petion de Vilar - João Antônio Wanderley), no álbum "Tropicália ou Panis et Circenses" (1968). Juntou-se a isto a provocação de Caetano Veloso na antevéspera do natal de 1968, ao cantar "Noite Feliz" no programa de televisão "Divino Maravilhoso", apontando uma arma na cabeça. O resultado foi a prisão e o exílio dos dois baianos em Londres, de 1969 a 1972.

Ao retornar do exílio, Caetano Veloso e Gilberto Gil sofreram com a perseguição da ditadura e da censura. Em 1973, Caetano Veloso teve a sua canção "Deus e o Diabo", vetada por causa do último verso "Dos bofes do meu Brasil". Diante do veto, a gravadora solicitou recurso, foi sugerido pelo censor que o autor substituísse a palavra "bofes". Mas um segundo censor menciona os versos "o carnaval é invenção do diabo que Deus abençoou" e "Cidade Maravilhosa/ Dos bofes do meu Brasil", como ofensivos às tradições religiosas. Em 1975, o álbum "Jóia" trazia na sua capa Caetano Veloso, sua então mulher Dedé e o filho Moreno, completamente nus, com o desenho de algumas pombas a cobrir-lhe a genitália. Censurada, o álbum foi relançado com uma nova capa, onde restaram apenas as pombas.

Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=159935



Disponível em:

http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Caetano+Veloso<r=c&id_perso=166

1-Você ficou curioso em conhecer a música "Proibido Proibir"? Então vamos conhece-la assistindo a um vídeo? Vamos lá!

"Caetano Veloso é Proibido Proibir". Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=XRxGfFzdZ3w>

a-Durante a exibição do vídeo você verá uma série de cenas das décadas de 1960 e 1970, anote quais te chamaram mais a atenção e porque.

2-Vamos agora conhecer a letra da música É Proibido Proibir:

É Proibido Proibir

A mãe da virgem diz que não
É o anúncio da televisão
E estava escrito no portão
E o maestro ergueu o dedo
E além da porta
Há o porteiro, sim...

E eu digo não
E eu digo não ao não
Eu digo: É!
Proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...

Me dê um beijo meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças
Livros, sim...

(falado)
Cai no areal na hora adversa que Deus concede
aos seus
para o intervalo em que esteja a alma imersa em
sonhos
que são Deus.

Que importa o areal, a morte, a desventura, se
com Deus
me guardei
É o que me sonhei, que eterno dura e esse que
regressarei.

E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo: É!
Proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...

Me dê um beijo meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
[...]

CAETANO VELOSO

Composição: Caetano Veloso

Disponível em: <http://letras.mus.br/caetano-veloso/395621/#>

Disponível em: www.editoramuiraquita.blogspot.com



INTERPRETANDO A MÚSICA

1-Como atividade vamos debater a letra da música.

2-Vamos procurar relacionar fatos políticos acontecidos na época com a música:

a- O Brasil conheceu passeatas estudantis contra a ditadura nos anos 60 e nos anos 90, com os caras-pintadas, decisivas para o afastamento do presidente Collor. Discuta, com os alunos, as semelhanças e as diferenças entre os dois movimentos. Por que os estudantes fracassaram em 1968 e triunfaram em 1992? Que setores sociais se mobilizaram junto aos estudantes? Qual o papel da imprensa nos dois processos? Alguns dos seus alunos conhecem algum cara-pintado? Peça a eles para registrar os depoimentos desses militantes.

b- A aura revolucionária presente em 1968 revestiu outros momentos históricos, entre eles a onda de revoluções liberais na Europa de 1848, conhecida como "Primavera dos Povos", a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e as mobilizações de estudantes chineses nos anos 80. Peça aos alunos para pesquisar e discutir esses episódios.

4-Faça uma pesquisa sobre a Jovem Guarda e Tropicália, sua forma/gênero (por exemplo: forma/canção, gênero/samba) e explique porque a jovem guarda era considerada "descompromissada" com a política do país, enquanto a Tropicália não teve grande aceitação pelos membros do movimento estudantil.



Disponível em: www.google.com.br

OS ATOS INSTITUCIONAIS - AI

Os Atos Institucionais foram decretos emitidos durante os anos após o golpe militar de 1964 no Brasil. Serviram como mecanismos de legitimação e legalização das ações políticas dos militares, estabelecendo para eles próprios diversos poderes extra constitucionais. Por incrível que pareça, em um intervalo de cinco anos (1964-1969) durante a Ditadura Militar, o Brasil teve 17 Atos Institucionais!!! É isso mesmo!

Para saber mais sobre cada um deles acesse: <http://www.historiadigital.org/historia-do-brasil/brasil-republica/ditadura-militar/6-atos-institucionais-do-regime-militar/>

CONTINUANDO...

Em dezembro de 1968, o presidente Costa e Silva decretou o AI-5, o mais violento de todos os atos institucionais até então outorgados.

Era a consolidação da ditadura, a arbitrariedade foi legalizada. Muitos artistas e intelectuais foram forçados a ir para o exílio, os tropicalistas foram presos, depois de quase dois meses de prisão, foram libertados mas com liberdade vigiada. Em 1969 em Salvador, Caetano Veloso e Gilberto Gil fizeram um show onde cantaram O Hino do Esporte Clube Bahia, Alegria, alegria, e canção composta por Gilberto Gil como despedida, Aquele abraço. Enquanto os amantes da "música de protesto" chamavam os tropicalistas de alienados, os militares perceberam o teor da sua subversão e os mandaram para Londres. (WORNIS e SALLES, 2002: 105 e 106).

Estava decretado o silêncio.

Com o endurecimento do regime, os festivais foram perdendo sua força. Como a música passa a sofrer profunda censura as canções ganharam notoriedade, por terem duplo sentido. Chico Buarque torna-se o grande nome da música politizada, através de metáforas, consegue driblar a censura e compõe músicas como: Quando o carnaval chegar, Apesar de você, To voltando, Cálice, esses são alguns exemplos. Perseguido a tal ponto que bastava a sua assinatura para que a música fosse

censurada, Chico Buarque passou a usar, em 1974, um pseudônimo, Julinho da Adelaide.

CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Tendo silenciado e asfixiado Geraldo Vandré, os militares elegeram o seu novo inimigo do regime: Chico Buarque de Holanda. No período que durou a censura e o regime militar, Chico Buarque foi o compositor e cantor mais censurado. A sua obra sofreu respingos da censura em todas as vertentes, tanto nas canções de protesto, quanto nas que feriam os costumes morais da época.

Os problemas de Chico Buarque com a censura começaram junto com a sua carreira. Em 1966, a música "Tamandaré", incluída no repertório do show "Meu Refrão", com Odete Lara e MPB-4, é proibida após seis meses em cartaz, por conter frases consideradas ofensivas ao patrono da marinha. Era o começo de um longo namoro entre a censura e a obra de Chico Buarque.

Exilado na Itália, de 1969 a 1970, Chico Buarque sofreria com a perseguição da censura após o retorno ao Brasil. Em 1970, recém chegado do exílio, o compositor enviou a música "Apesar de Você" para a aprovação da censura, tendo a certeza que a música seria vetada. Inesperadamente a canção foi aprovada, sendo gravada imediatamente em compacto, tornando-se um sucesso instantâneo. Já se tinha vendido mais de 100 mil cópias, quando um jornal comentou que a música referia-se ao presidente Médici. Revelado o ardil, o exército brasileiro invadiu a fábrica da Philips, apreendendo todos os discos, destruindo-os. Na confusão, esqueceram de destruir a matriz.

Em 1973 Chico Buarque sofreria todas as censuras possíveis. A peça "Calabar, ou o Elogio à Traição", escrita em parceria com Ruy Guerra, foi vetada pela censura. As conseqüências da proibição viriam no seu álbum, "Calabar", também daquele ano. A capa do disco trazia a palavra "Calabar" pichada num muro. Os censores concluíram que aquela palavra pichada tinha um significado subversivo, o que resultou na proibição da

capa. A resposta de Chico Buarque foi lançar o álbum com uma capa totalmente branca e sem título. O disco trazia o registro das canções da peça vetada, por isto teve várias músicas (todas elas em parceria com Ruy Guerra) que amargaram nas malhas da censura. "Vence na Vida Quem Diz Sim" teve a letra totalmente censurada, sendo gravada no disco uma versão instrumental; "Ana de Amsterdam" teve vários trechos censurados. "Não Existe Pecado ao Sul do Equador", que fazia parte deste disco, alcançaria grande sucesso quando gravada por Ney Matogrosso, em 1978, quando foi escolhida como tema de abertura da novela da tevê Globo "Pecado Rasgado", na versão original da música o verso "Vamos fazer um pecado safado debaixo do meu cobertor", foi substituído por "Vamos fazer um pecado rasgado, suado, a todo vapor". "Fado Tropical" teve proibido parte de um texto declamado por Ruy Guerra, além da frase



"além da sífilis, é claro", herança portuguesa, segundo a personagem Mathias, no sangue brasileiro. "Bárbara", um dueto entre as personagens Ana de Amsterdam e Bárbara, teve cortada a palavra "duas", por sugerir um relacionamento homossexual entre elas. Tanto "Ana de Amsterdam" quanto "Bárbara", já tinham

sofrido os mesmos cortes no álbum "Caetano e Chico Juntos Ao Vivo", ali substituídos por palmas. Ainda no registro do encontro de Chico Buarque e Caetano Veloso, além da censura às duas canções citadas, "Partido Alto" (Chico Buarque), interpretada por Caetano Veloso, sofreu alterações na letra, sendo substituídas as palavras "brasileiro" por "batuqueiro" e "pouca titica" por "pobre coisica".

Diante de tantas mutilações da censura, o álbum "Calabar", com capa branca, de Chico Buarque, foi um fracasso de vendas. Após o fracasso comercial, a Philips decidiu recolher o disco com capa branca, relançando-o semanas depois, com uma nova capa, trazendo apenas com uma fotografia do artista, de perfil, com o título "Chico Canta".

Naquele ano de 1973, a música "Cálice" (Chico Buarque - Gilberto Gil), foi proibida de ser gravada e cantada. Gilberto Gil desafiou a censura e cantou a música em um show para os estudantes, na Politécnica, em homenagem ao estudante de geologia da USP Alexandre Vanucchi Leme (o Minhoca), morto pela ditadura. Ainda naquele ano, no evento "Phono 73", festival promovido pela Polygram, Chico Buarque e Gilberto Gil tiveram os microfones desligados quando iriam cantar "Cálice", por decisão da própria produção do show, que não quis criar problemas com a ditadura, gravando-a apenas em 1978.

Em 1974 a censura não dá tréguas ao artista. Impedido de gravar a si mesmo, Chico Buarque lança um disco, Sinal Fechado (1974), com composições de outros autores. Diante de tantas canções vetadas, a sofrer uma perseguição acirrada, Chico Buarque cria os pseudônimos de Julinho da Adelaide e Leonel Paiva. É sob o heterônimo do Julinho da Adelaide que a censura deixa passar canções de críticas inteligentes à ditadura, lidas nas entrelinhas: "Jorge Maravilha", que trazia o verso "Você não gosta de mim, mas sua filha gosta", que era lida como uma referência ao então presidente Geisel, cuja filha Amália Lucy, teria dito em entrevista, que admirava as canções do Chico Buarque. "Acorda Amor", outra canção liberada do Julinho da Adelaide, era uma referência clara aos órgãos da repressão, que vinham buscar cidadãos suspeitos de subversivos em suas casas, levando-os em uma viatura, desaparecendo com eles. Diante da polícia repressiva, ele chamava pelo ladrão. "Milagre Brasileiro" também levou a assinatura de Julinho da Adelaide.

Outro clássico da MPB que sofreu uma censura moralista foi "Atrás da Porta" (Chico Buarque - Francis Hime), o verso original "E me agarrei nos teus cabelos, nos teus pêlos", seria substituído por "E me agarrei nos teus cabelos, no teu peito", a censura achava a palavra "pêlos" de caráter indecente.

Outra canção vetada de Chico Buarque foi "Tanto Mar", uma homenagem do artista à Revolução dos Cravos em Portugal. Por ter sido uma revolução considerada socialista, a canção foi proibida. Seria gravada no álbum "Chico Buarque & Maria Bethânia Ao Vivo" (1975), numa versão instrumental. Mais tarde, em 1978, seria

liberada com uma outra letra. Curiosamente, a versão original, sem cortes e cantada de "Tanto Mar", consta no mesmo álbum "Chico Buarque & Maria Bethânia Ao Vivo" lançado em Portugal.

Quando o AI-5 foi extinto, em 1978, Chico Buarque vingou-se dos anos de censura, gravou "Cálice", regravou "Apesar de Você", além de criar músicas provocantes, que afrontavam à moral da época, como "Folhetim", que descrevia uma prostituta, ou "Geni e o Zepelim" e "Não Sonho Mais", temas de dois travestis, Genivaldo da peça "A Ópera do Malandro" e Eloína, do filme "A República dos Assassinos", respectivamente.

Disponível em: www.google.com.br



Vamos agora conhecer algumas canções de Chico Buarque:

Cálice

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta

Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Talvez o mundo não seja pequeno

CHICO BUARQUE
Composição: Chico Buarque/
Giberto Gil
Disponível em:
<http://letras.mus.br/chico-buarque/45121/>

Veja também esta música no vídeo.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=barCXm-ehfY>

A música Cálice, lançada por Chico Buarque em 1973, faz alusão a oração de Jesus Cristo dirigida a Deus no Jardim do Getsêmane: "Pai, afasta de mim este cálice". Para quem lutava pela democracia, o silêncio também era uma forma de morte. Para os ditadores, a morte era uma forma de silêncio. Daí nasceu a ideia de Chico

Buarque: explorar a sonoridade e o duplo sentido das palavras "cálice" e "cale-se" para criticar o regime instaurado.

Jorge Maravilha, lançada em 1974, é mais uma música de Chico Buarque, agora sob o pseudônimo de Julinho de Adelaide, criado para driblar a censura. Os versos "você não gosta de mim, mas sua filha gosta" parecia uma relação conflituosa entre sogro, genro e filha. Mas, na verdade, fazia alusão à família do general Geisel. Geisel odiava Chico Buarque. No entanto, a filha do militar manifestava interesse pelo trabalho do compositor.

Vamos vê-la:

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=barCXm-ehfY>

JORGE MARAVILHA

E nada como um tempo após um contratempo
Pro meu coração
E não vale a pena ficar, apenas ficar
Chorando, resmungando, até quando, não, não,
não
E como já dizia Jorge Maravilha
Prenhe de razão
Mais vale uma filha na mão
Do que dois pais voando

Você não gosta de mim, mas sua filha gosta
Você não gosta de mim, mas sua filha gosta

Ela gosta do tango, do dengo
Do mengo, domingo e de cócega
Ela pega e me pisca, belisca, petisca
Me arrisca e me enrosca

Você não gosta de mim, mas sua filha gosta
Você não gosta de mim, mas sua filha gosta

E nada como um dia após o outro dia
Pro meu coração
E não vale a pena ficar, apenas ficar

CHICO BUARQUE

Composição: Leonel Paiva / Julinho da Adelaide
(Chico Buarque)

Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45141/>

ATIVIDADES...

- 1- Escolha uma das músicas apresentadas e faça uma análise crítica sobre ela. Esta produção deverá ser apresentada à turma.
- 2- Em grupos de cinco componentes, faça uma pesquisa sobre o Brasil da década de 1960 e 1970, recolha os materiais encontrados e montem um painel.

TRABALHO A SER DESENVOLVIDO PELO ALUNO:

- 🎵 Dividir a sala em grupos;
- 🎵 Distribuir um tema para que cada grupo apresente a sala. A apresentação poderá ser feita de diferentes forma como:
 - a- Através de trabalho escrito;
 - b- Através de cartaz;
 - c- Através de vídeo;
 - d- Através de apresentação musical;
 - e- Através de apresentação teatral.
- 🎵 Temas a serem trabalhados:
 - a-Taiguara - música "Que as crianças cantem livres";
 - b- Raul Seixas - música "Mosca na sopa";
 - c-Elis Regina - "O bêbado e o equilibrista".
- 🎵 O mesmo tema poderá ser passado para mais de um grupo, assim o conteúdo será apresentado de formas diferentes enriquecendo mais a aprendizagem.

Música

Durante a ditadura militar qualquer manifestação ou organização feita para questionar a situação política da época era censurada, as pessoas que as compunham eram exiladas, mortas ou desapareciam.

Um dos artifícios que a população utilizava para se expressar era a música. Nas letras, questionavam a situação pela qual o Brasil estava passando, mostravam o que o governo e os militares estavam fazendo. Porém como não podiam colocar explicitamente os problemas nas letras, pois eram censuradas, se utilizavam de metáforas (veja a música "Cálice" de Chico Buarque e Gilberto Gil) ou, no trecho que era censurado, colocavam palavras sem sentido com o resto da música, ironizando e mostrando para a população que ali houve uma censura.

Por isso, mesmo com a censura a música foi um importante meio de crítica a sociedade.



Alguns compositores:

- Chico Buarque
- Caetano Veloso
- Gilberto Gil
- Geraldo Vandré
- Elis Regina

NOS CALABOUÇOS DA DITADURA MILITAR..

"Cálice", composição de Gilberto Gil e Chico Buarque, falava daquele momento obscuro da história do Brasil. Porém, versos eram mais do que um sentido de protesto, era um grito sufocado, um alerta contra o horror das masmorras, um pedido de socorro dentro de um sistema cruel e truculento, uma denúncia aos assassínios praticados.

No período da Ditadura Militar, durou de 1964 a 1985, vários inquéritos e depoimentos apontaram a tortura física e psicológica como expediente utilizado por membros do governo e grupos militares com o objetivo de controlar a população.

as formas de tortura que eram utilizadas pelos carrascos da ditadura, um conjunto de práticas que quando não matava, deixava danos irreparáveis à psique humana, pois as lembranças do sofrimento jamais foram apagadas da memória de quem o viveu.

Disponível em: www.fajusticeiradeesquerda.blogspot.com

As sequelas deixadas pela tortura eram de tamanha dimensão que muitos presos desejaram-se levar pela morte para se livrar delas.



Um caso que pode exemplificar bem a situação foi o do Frei Tito de Alencar Lima, que mesmo após escapar da morte numa tentativa de suicídio na prisão em 1970, enforcou-se anos depois, já no exílio, por não suportar as lembranças das brutalidades sofridas enquanto torturado.

Contrários aos princípios que regem os direitos humanos (estes princípios foram definidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada e adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU) em dezembro de 1948.), ao respeito à integridade física e moral do homem, militares brasileiros, nas décadas de 60 e 70, se transformaram em agentes implacáveis da prática repressiva, utilizando os mais

sofisticados métodos de tortura importados dos países imperialistas, especialmente dos Estados Unidos. (HUGGINS, 1998)

Em nome da "segurança nacional" e do combate à "subversão comunista", milhares de pessoas foram torturadas e mortas. Muitas delas desapareceram sem deixar rastros e notícias. Os militares utilizaram muitos meios para que esta repressão militar atingisse o seu objetivo.

Para garantir e controlar a sociedade dentro das regras do regime, o governo criou um espetacular sistema de repressão que se baseava em divisões de tarefas. Uns coletavam, outros analisavam, outros reprimiam e etc. Para isso, a ditadura contava com os órgãos de repressão que consideravam cada cidadão um suspeito. Um destes órgãos era o Dops (Departamento de Ordem Política e Social), que tinha como atribuição torturar e interrogar.

Vários métodos eram empregados entre eles estão: o pau-de-arara, o choque elétrico, a pimentinha, a palmatória, o afogamento, a cadeira do dragão, etc.

Sugestão de site para leitura: <http://jornalggn.com.br/noticia/a-tortura-e-os-mortos-na-ditadura-militar>

Disponível em: www.feducador.brasilecola.com



TRABALHO EM GRUPO

Dividir a sala em 10 grupos e pedir para que cada grupo pesquise um tipo de tortura praticada durante o período militar e apresente à sala através de cartazes. Consultar métodos de tortura em:

<http://www.historiadigital.org/historia-do-brasil/brasil-republica/ditadura-militar/10-torturas-da-ditadura-militar/>

DITADURAS MILITARES NA AMÉRICA LATINA

A ditadura militar não ocorreu apenas no Brasil, no século XX ela atingiu também muitos outros países da América Latina. Com ideologias específicas. Porém, sempre reprimindo o povo e este buscando alternativas diversas para combatê-la. A música sempre esteve presente nestes momentos.

A música, na condição de expressão artística de uma população e de uma cultura, serviu de instrumento para a difusão de ideias contestatórias e revolucionárias em diversos países sul-americanos como Argentina, Uruguai e Brasil, além do próprio Chile. Em verdade, a expressão musical era uma forma de luta contra a repressão realizada por estes Estados, indo contra as suas imposições.

As ditaduras militares ocorridas na América Latina durante os tempos da Guerra Fria decorreram de determinados elementos, referidos a um conjunto de postulações comuns, convencionalmente alcunhadas de "Doutrina da Segurança Nacional" (doravante apenas DSN). Sob essa escusa, as Forças Armadas engendraram e levaram a cabo um discurso político-econômico que expressava uma série de elementos homogêneos nos países da região, a despeito das diferenças de formas e estilos na implantação das DSN.

Assim, é possível estabelecer certos aspectos comuns que conformam a ideologia dessa doutrina, no caso brasileiro, a partir de 1964, assim como no Chile e Uruguai, em 1973 e ainda na Argentina de 1976. O aspecto que mais se destaca nessa ideologia é a construção da figura do inimigo público interno, que incutia nos sujeitos a necessidade ideológica de uma guerra interna constante e permanente contra a influência do comunismo internacional (o "perigo vermelho"), impondo, destarte, a adoção de um projeto de desenvolvimento com segurança, que colocava os militares como salvaguardas dos anseios nacionais no terreno das políticas sócio econômicas, na medida em que entendia-se que estes compunham o único corpo social apto a transformar o caos instalado pelos subversivos em paz e estabilidade duradouras. Desse modo, o Estado se fortalece em sua pseudolegalidade, exercendo o poder

normativo da forma que lhe aprouvesse, legitimando meios - na maioria das vezes nada éticos nem tampouco humanitários - para identificar e eliminar qualquer organização que fosse entendida como ligada ao "perigo vermelho".

Além desses elementos ideológicos, temos o "bonapartismo", a tendência burguesa de ascensão ao poder e de sua manutenção, que se insere aqui com um elemento social importante para a conformação do cenário político das décadas de 60 e 70 que culminaram nas ditaduras latino-americanas. A burguesia, entendendo-se incapaz de manter sua dominação sobre os trabalhadores em um sistema de governo democrático e republicano, alia-se às Forças Armadas. Com isso, vemos ser postas em prática formas de violência extrema, engendradas por meio do terrorismo de Estado aberto, para garantir a exploração excessiva do trabalhador e, assim, assegurar o fluxo do sistema capitalista.

Disponível em: <http://norbertobobbio.wordpress.com/2011/06/27/america-latina-e-as-ditaduras-militares-fatores-historicos/>

PESQUISA....

1-Dividir a sala em grupos:

2-Cada grupo ficará responsável pela pesquisa e apresentação de um dos temas:

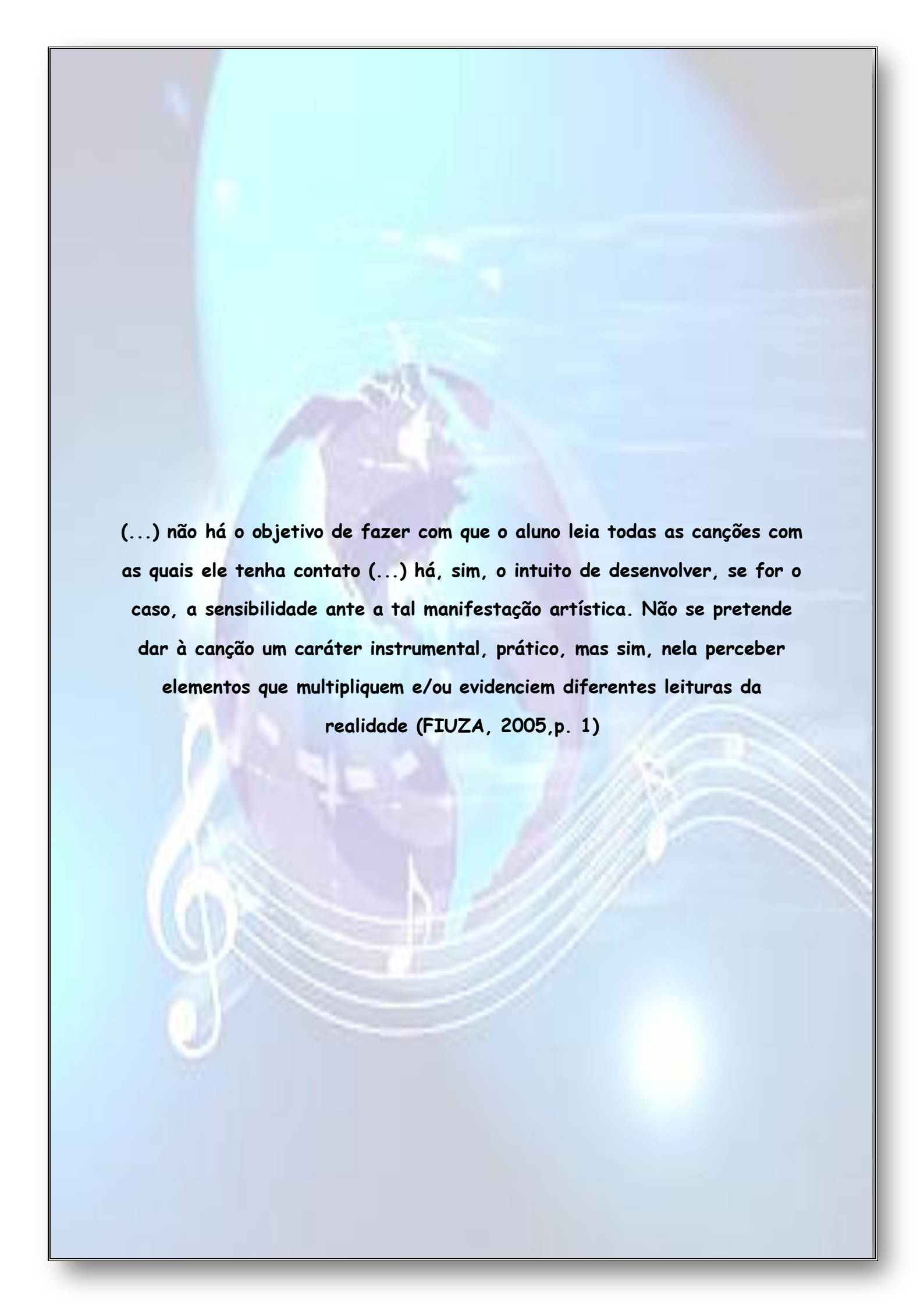
a- A música como instrumento contra a ditadura no Chile;

b- A música como instrumento contra a ditadura na

c- Argentina;

d- A música como instrumento contra a ditadura no Uruguai;





(...) não há o objetivo de fazer com que o aluno leia todas as canções com as quais ele tenha contato (...) há, sim, o intuito de desenvolver, se for o caso, a sensibilidade ante a tal manifestação artística. Não se pretende dar à canção um caráter instrumental, prático, mas sim, nela perceber elementos que multipliquem e/ou evidenciem diferentes leituras da realidade (FIUZA, 2005,p. 1)

REFERENCIAS

CD ramosdata. Gráfica Rápida. Acesso em novembro de 2013.

CEGALLA, D.P. Dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

FIUZA, A. F. Relações entre a Canção Popular e o Ensino de História. IN: Anais do VIII Simpósio em História: História, Poder e Práticas Sociais. UNIOSTE, Marechal Cândido Rondon/Pr, 24 a 27 de outubro de 2005.

<http://letramusicas.br/chico-buarque/107588/>. Acesso em outubro de 2013.

<http://letras.mus.br/chico-buarque/45121/>. Acesso em outubro de 2013.

<http://letras.mus.br/chico-buarque/45141/>. Acesso em outubro de 2013.

<http://letras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>. Acesso em outubro de 2013.

<http://norbertobobbio.wordpress.com/2011/06/27/america-latina-e-as-ditaduras-militares-fatores-historicos/>. Acesso em setembro de 2013.

<http://www.eradosfestivais.com.br/>. Acesso em setembro de 2013.

http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Caetano+Veloso<r=c&id_perso=166. Acesso em novembro de 2013.

http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=159935. Acesso em setembro de 2013.

<http://www.youtube.com/watch?v=qhvXQj8CFmM&feature=fvsr>. Acesso em setembro de 2013.

PINHEIRO, M. **Cale-se: a MPB e a Ditadura Militar**. Livros Ilimitados: Rio de Janeiro, 2011.

www.aldeiagaulesa.net. Acesso em outubro de 2013.

www.atitudemais.blogspot.com. Acesso em outubro de 2013.

www.blogbabymusic.blogspot.com. Acesso em outubro de 2013.

www.editoramuiraquita.blogspot.com. Acesso em novembro de 2013.

www.envolverde.com.br. Acesso em novembro de 2013.

www.fajusticeiradeesquerda.blogspot.com. Acesso em outubro de 2013.

www.feducador.brasilecola.com. Acesso em novembro de 2013.

www.frezinhapolitica.blospot.com.br. Acesso em novembro de 2013.

www.google.com.br/geraldovandre. Acesso em outubro de 2013.

www.google.com.br/notasmusicais. Acesso em novembro de 2013.

www.museudamusica-timbo.blogspot.com. Acesso em novembro de 2013.

www.rakbruword.blogspot.com. Acesso em novembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

É com muito carinho e satisfação que produzi esta Unidade Didática, durante minha participação na edição 2013 do PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação -, destinado aos professores do estado do Paraná, na área de História, agradeço muito a Deus por isso.

Agradeço também ao meu querido esposo, Amoz, às minhas amadas filhas Mariana e Maria Clara que tiveram além de muito amor, a compreensão pela minha ausência durante todo esse ano, muitas vezes em momentos difíceis, eu sei...

Ao meu orientador, professor Marco Aurélio, um professor que desde que o conheci passei a admirá-lo muito pelo seu conhecimento, capacidade e sabedoria.

E também a amigos, uns já companheiros a décadas e outros mais novos, mais que estiveram muito próximos nesta caminhada... a Teresa Cristina, Ana Cláudia, Cirlene, Luciane, Roseli, Mariluz e Gilberto.

Muuuuuuitttoooo obrigado!

Rosangela Souza

“ Não deixo de dar graças por vocês, mencionando-os em minhas orações”
(Efésios1:16)

Disponível em: www.canstockphoto.com.br



Interpretação da música: Pra não dizer que não falei das flores

Após fazer as indagações aos alunos, o professor pode analisar a letra da seguinte forma:

Caminhando e cantando e seguindo a canção / Somos todos iguais braços dados ou não: representa as passeatas que reuniam, em sua maioria, jovens que tinham consigo um desejo de mudança, ambições e sonhos, eram movidas a cartazes de protestos, a vozes gritantes que entoavam hinos e músicas. Essa frase também nos mostra que independente de crenças e ideias, as pessoas são iguais, estando elas do mesmo lado ou não.

Nas escolas nas ruas, campos, construções: as manifestações eram compostas de pessoas de diversos ambientes, mas que possuíam o desejo de mudança em comum: agricultores, operários, camponeses, mulheres, jovens, professores, jornalistas, intelectuais, padres e bispos. No caso de professores, jornalistas e intelectuais eles eram censurados e vigiados, o que depois de AI-5 ocorreu com maior intensidade, os professores não podiam lecionar e mencionar nada referente ao golpe, os jornalistas tinham seus artigos e matérias cortadas pela censura e os intelectuais eram proibidos de disseminar suas ideias e também de publicá-las. Nas universidades não havia vagas e muitos jovens não conseguiam estudar, mulheres eram discriminadas e impedidas de trabalhar, os operários sofriam com os baixos salários, agricultores e camponeses tinham suas terras ocupadas e os padres e bispos eram ameaçados, presos e muitas vezes expulsos do país. Então a maneira encontrada para protestarem pelos seus direitos, era juntar-se aqueles que também possuíam ideias de mudança e desejo por um país melhor.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber: esse trecho contesta sobre aqueles que sofriam o momento na pele e não faziam nada, afinal não se muda um país, ficando parado.

Quem sabe faz a hora, não espera acontecer: refere-se também a essas pessoas que preferiam ficar em silêncio em vez de tentar alcançar a mudança junto aos estudantes e aos demais.

Pelos campos há fome em grandes plantações: as pessoas que trabalhavam nos campos, ou que eram agricultores, também sofriam com a ditadura, os poucos que possuíam um pedaço de terra a mesma lhe era tomada, os camponeses muitas vezes eram despejados e acabavam por passar fome.

Pelas ruas marchando indecisos cordões: cordões é como ficou conhecido os grupos de foliões que tomavam as ruas durante o carnaval, o nome refere-se a característica

dos grupos serem formados de forma que as pessoas se sucedem. Assim era composta algumas das manifestações, como foi o caso da Passeata dos Cem Mil, que parecia ser dividida em blocos: artistas, mães, padres, intelectuais e entre outros, que em muitos casos, caminhavam indecisos ou com medo dos militares.

Ainda fazem da flor seu mais forte refrão / E acreditam nas flores vencendo o canhão: enquanto os militares reprimiam os protestantes com canhões, bombas de gás, e armas, a população saía nas ruas com cartazes e com a força de suas vozes, muitos atirando pedras e tudo o que se estivesse ao alcance, mas nada parecia ser tão forte e provocante quanto os gritos, as palavras de ordem dos movimentos estudantis, frases e músicas daquele ano, essas sim eram suas verdadeiras flores. Mas começaram a surgir grupos que não acreditavam mais em democracia sem a violência, alguns grupos de radicais se formavam e gritavam em coro: "Só o povo armado derruba a ditadura", enquanto do outro lado um grupo militante gritava: "Só o povo organizado conquista o poder".

Há soldados armados, amados ou não / Quase todos perdidos de armas na mão: os soldados estavam sempre armados e dispostos a prender os manifestantes e levá-los para as salas do DOPS, porém, muitos pareciam alienados, não sabiam direito o que acontecia ou fingiam não saber, para quem sabe assim se redimir da culpa de tantas mortes e "desaparecimentos" da época. Mas tinham famílias, namoradas, mãe, irmãos podiam sim ser amados por alguém ou então odiados por todos. Muitas manifestações foram, sobretudo contra a violência dos policiais.

Nos quartéis lhes ensinam antigas lições / De morrer pela pátria e viver sem razão: Os soldados aprendiam lições e como se houvesse uma lavagem cerebral aceitavam cumprir as ordens do governo, mas acredito que em sua maioria muitos sabiam exatamente o que faziam e concordavam com os planos e métodos. Como diz a frase eles aceitavam morrer pelo seu país, mesmo que para isso eles fossem recriminados pela população e tivessem que viver sem anseios e sem razão, afinal de contas eles só serviam para fazer o trabalho pesado para os governantes.

Somos todos soldados, armados ou não: na contradição de ser ou não soldados, todos eram, a diferença esta nas armas e na motivação.

Os amores na mente, as flores no chão / A certeza na frente, a história na mão: a maioria, se não todas as pessoas que participavam ativamente dos manifestos eram motivados pelas perdas que sofriam, pelas mortes de amigos, parentes, conhecidos, pela dúvida do que aconteciam com as pessoas que eram levadas. Alguns dos jovens quando crianças viram seus pais serem levados por policiais e nunca mais tiveram notícias, muitos viram seus amigos morrerem e o corpo simplesmente desaparecer e acabavam por não ter direito ao enterro, alguns poucos voltavam e de

outros nunca mais se ouvira, eram guiados pela certeza de que poderiam mudar o mundo e pela história que cada um deles possuía.

O professor deverá também informar os alunos de que as canções de protesto estavam em voga no final da década de 1960, e que os compositores foram alvos de muitas críticas. Nesta música deve-se observar que a canção presentifica o tempo :**"esperar não é saber/ não espera acontecer"**, o que desagradou e provocou a ira dos militares.

É importante lembrar aos alunos do Ato Institucional Nº5, decretado em dezembro de 1968, o qual, suspendendo as liberdades democráticas, a censura atuou com ferocidade no plano cultural. Canções e espetáculos foram proibidos; compositores foram parar na cadeia e no exílio.

PADILHA, Patrícia de Paula. *Análise Crítica da Música: Pra não dizer que não falei das flores*. Acessível em:

http://www.ump.edu.br/midialogos/ed_02/ensaios/Analise%20Critica%20da%20...